



<https://dx.doi.org/10.35499/tl.v19i2.24699>

PODCAST COMO GÊNERO TEXTUAL: REFLEXÕES EMERGENTES SOB O OLHAR DE MARCUSCHI A PARTIR DE UMA VIVÊNCIA COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

ERICSON JOSÉ DE SOUZA*

 <https://orcid.org/0009-0007-7490-3498>

DÉBORA AMORIM GOMES DA COSTA-MACIEL**

 <https://orcid.org/0000-0002-6408-1626>

LENILTON DAMIÃO DA SILVA JUNIOR***

 <https://orcid.org/0000-0001-8210-7650>

RESUMO

O *podcast* pode ser entendido como gênero textual? Qual é a compreensão de estudantes do Ensino Médio sobre ele? Essas inquietações movem este artigo, que busca refletir, a partir do olhar proposto por Marcuschi, sobre o *podcast* como gênero textual oral no contexto de uma turma de Ensino Médio de uma escola pública pernambucana. Esse trabalho surge a partir da observação da recorrência do uso de *podcasts* pela mídia e do interesse de estudantes pelo conteúdo, pela forma e pelo estilo como esse texto é construído. Baseamo-nos nas contribuições de Marcuschi (1997, 1998, 2001, 2002, 2003, 2007, 2008) sobre gêneros textuais, bem como Moreira, Fiorentini e Teixeira (2021) e, ainda, Villarta-Neder e Ferreira (2022) e Carvalho (2008), para tratar sobre *podcast*. Trata-se de um trabalho com abordagem qualitativa e natureza exploratória, que tem como *corpus* con-

* Doutorando em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (PPGCL/UNICAP) com bolsa PROSUC/CAPES; Mestre em Educação pelo programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade de Pernambuco – *Campus* Mata Norte. Participa do grupo de pesquisa Gênero, texto e ensino, da Universidade Católica de Pernambuco (GETE/UNICAP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5257786204546131>. E-mail: ericson.jsouza@upe.br

** Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora Associada/Livre Docente, atua no curso de Pedagogia e integra o quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade de Pernambuco (UPE). Coordena o Grupo de Pesquisa em Ensino, Letramento, Oralidade e Alfabetização (ELOA), cadastrado no Diretório de Pesquisa do CNPq e, em uma gestão compartilhada, o LABOR (Laboratório Brasileiro de Oralidade, Formação e Ensino). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8091621636430108>. E-mail: debora.amorim@upe.br

*** Doutorando em Ciências da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL/UNICAP) com bolsa PROSUC/CAPES – modalidade II. Professor de Língua Portuguesa na EREM Ginásio Pernambucano Aurora – Recife – PE. Participa do grupo de pesquisa Gênero, texto e ensino, da Universidade Católica de Pernambuco (GETE/UNICAP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4837541326164365>. E-mail: leniltonjunior@terra.com.br

cepções de estudantes a respeito do gênero *podcast*, em pesquisa realizada por Souza (2024), a partir das quais analisamos de que forma estudantes da Educação Básica reconhecem e compreendem a função do *podcast* na sociedade em que estão inseridos. Os resultados apontam que o *podcast* pode ser considerado um gênero, e que a escola se aproxima das reais demandas dos estudantes para tornar a aprendizagem significativa ao adotar o gênero *podcast* como conteúdo pedagógico. Todavia, ainda é necessário que os estudantes conheçam melhor os propósitos comunicativos pretendidos com o gênero, bem como as características prototípicas dele.

Palavras-chave: Podcast; Gênero textual oral; Educação Básica.

ABSTRACT

PODCAST AS A TEXTUAL GENRE: EMERGING REFLECTIONS FROM MARCUSCHI'S PERSPECTIVE BASED ON AN EXPERIENCE WITH HIGH SCHOOL STUDENTS

Can *podcasts* be understood as a textual genre? What is high school students' understanding of them? These concerns motivate this article, which seeks to reflect, from the perspective proposed by Marcuschi, on *podcasts* as an oral textual genre in the context of a high school class at a public school in Pernambuco. This work arises from the observation of the recurrent use of *podcasts* in the media and the students' interest in the content and how these texts are constructed. We draw on the contributions of Marcuschi (1997, 1998, 2001, 2002, 2003, 2007, 2008) on textual genres, and Moreira, Fiorentini, and Teixeira (2021), as well as Villarta-Neder and Ferreira (2022), and Carvalho (2008) to address *podcasts*. This is a qualitative, exploratory study, based on students' conceptions of the *podcast* genre, as per a study conducted by Souza (2024). Based on this, we analyze how basic education students recognize and understand the role of *podcasts* in their society. The results indicate that *podcasts* can be considered a genre, and that schools are addressing students' real needs to make learning meaningful. However, it is still necessary for students to better understand the intended communicative purposes of the genre, as well as its prototypical characteristics.

Keywords: *Podcast*; Oral textual genre; Basic Education.

INTRODUÇÃO

O olhar para os gêneros textuais, bem como a sua plasticidade e, ainda, a relevância de abordagens significativas de gênero no contexto da Educação Básica têm sido objeto de interesse de pesquisadores/as que veem no gênero a possibilidade de ação social (Costa-Maciel, 2025; Lêdo; Bezerra, 2025; Gomes, 2025; Bilro; Barbosa; Costa-Maciel, 2022;

Silva Junior; Bilro, 2019; Magalhães; Bueno; Costa-Maciel, 2022; Storto; Fonteque, 2021). É válido lembrar que, embora a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) privilegie o trabalho com a diversidade de gêneros textuais, ainda há um longo caminho a percorrer no tocante à pedagogia de gêneros, visto que muitos/as colegas pro-

fessores/as têm dificuldade para mediar e, até mesmo, orientar a produção de textos junto aos/às seus/suas estudantes (Souza, 2012).

Todavia, torna-se necessário compreendermos que Marcuschi (2008), ao discorrer sobre “Noções de texto e textualidade”, destaca o discurso de Bakhtin, segundo o qual a linguagem “refrata” o mundo e não o reflete. A partir dessa consideração, Marcuschi defende que também o texto “refrata o mundo na medida em que o reordena e reconstrói” (Marcuschi, 2008, p. 72). Acrescentamos que Marcuschi (2008), por assumir uma postura mais agregadora de teorias linguísticas, no tocante às suas considerações sobre produção textual, análise de gêneros e compreensão, também se apoia na ideia de que “o emprego da língua se efetua em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana.” (Bakhtin, 2016, p. 11), porém denominando esses enunciados ou “modelos comunicativos” (Marcuschi, 2008, p.188) de gêneros textuais, que é a nomenclatura que mais se afilia ao seu campo de trabalho: a linguística textual.

Dessa maneira, é possível estabelecermos que, a partir de bases sólidas de análise de exemplares de gênero, como conteúdo temático, estilo e construção composicional, podemos compreender os propósitos comunicativos a que determinado texto atende, bem como as suas características prototípicas. Lembremo-nos, pois, que esse é apenas um dos vários modos de pensar sobre gêneros, tendo em vista que existem outras correntes teóricas e que cada uma elege nomenclaturas diferentes conforme o ponto de vista sobre os gêneros e a agenda de trabalho com eles. Ainda sobre a abordagem dessa investigação, vale ressaltar

que este artigo compõe o Dossiê “Oralidade, gêneros orais e ensino: perspectivas, avanços e desafios em diálogo com Luiz Antônio Marcuschi” da Revista Tabuleiro das Letras, uma homenagem as grandes contribuições desse autor, o que endossa a nossa perspectiva teórica.

Nesse contexto, surge também o interesse pelo trabalho com gêneros orais, pois, segundo Marcuschi (2008, p. 186), trata-se de “uma área na qual os estudos não são abundantes”. Acrescenta-se que “o estudo das classificações verbais orais é bem mais recente e menos sistemático que a classificação dos textos escritos” (Marcuschi, 2008, p. 187). Nessa direção, cabe reforçarmos que é relevante trabalhar com gêneros orais, tendo em vista que eles são usados pelos/as participantes da comunicação linguística como parte integrante de seu conhecimento comum e, desse modo, suas condições empíricas também precisam ser analisadas.

De modo mais específico, despertamos a nossa curiosidade para a possibilidade de caracterização de *podcast* como gênero e como instrumento para a ação social. Por que, afinal, o *podcast* pode ser entendido como gênero textual? Qual é a compreensão de estudantes do Ensino Médio sobre o *podcast*? Os questionamentos acima explicitados certamente projetam a necessidade que todos/as nós temos de conhecer os gêneros que fazem parte da comunidade discursiva em que estamos inseridos e sabermos escolher, nessa diversidade de gêneros, aquele que melhor servirá para o alcance dos propósitos comunicativos pretendidos com dado ato comunicativo.

Partimos do pressuposto de que “todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo” (Marcuschi, 2008, p. 150). Dessa maneira, conse-

guimos observar no *podcast* características prototípicas que compõem um gênero: forma, função, estilo e conteúdo. Nessa perspectiva, é possível entender que esse texto pode cumprir com vários propósitos comunicativos. Todavia, o que mais se sobressai é a função educativa. Quanto às suas características prototípicas, destacamos escolhas sonoras, visuais e fraseológicas que atuam na construção de sentidos desse texto (Fiorentini; Teixeira, 2021).

Assim, objetivamos refletir, a partir do olhar proposto por Marcuschi, sobre o *podcast* como gênero textual oral no contexto de uma turma de Ensino Médio de uma escola pública pernambucana. De modo mais específico, objetivamos conhecer os propósitos comunicativos, assim como as características prototípicas do *podcast*, além de compreender como estudantes da Educação Básica reconhecem esse gênero na sociedade em que estão inseridos.

É válido lembrar que o interesse pela presente pesquisa nasceu a partir de duas motivações relevantes: (1) a recorrência do uso de *podcasts* pela mídia; (2) o interesse de estudantes, especialmente, pelo conteúdo e pela forma como esse texto é construído.

Para desenvolver este trabalho, recorremos a Marcuschi (1997, 1998, 2001, 2002, 2003, 2007, 2008) que tece importantes considerações sobre os gêneros textuais. Também fizemos uso das contribuições de Moreira, Fiorentini e Teixeira (2021), bem como Villarta-Neder e Ferreira (2022) e Carvalho (2008) sobre *podcast*.

Os dados gerados para este texto são fruto de uma pesquisa de abordagem qualitativa e natureza exploratória, realizada por Souza (2024), que tem como *corpus* concepções de estudantes a respeito do gênero *podcast*, a partir das quais analisamos de que forma estudantes da Educação Básica reco-

nhecem a função do *podcast* na sociedade em que estão inseridos.

Assim, na sequência, apresentamos as principais contribuições sobre gêneros textuais. Em seguida, explicitamos os propósitos comunicativos, bem como as características prototípicas do *podcast*. Adiante, procedemos com a apresentação do desenho metodológico adotado para a execução do presente trabalho. Seguimos com a apresentação da seção análise e discussão de dados e, finalmente, apresentamos nossas considerações finais.

PODCAST COMO GÊNERO TEXTUAL: REFERENCIAL TEÓRICO

O tratamento de gêneros textuais e suas abordagens em trabalhos científicos apresenta variações, a depender da concepção de gênero assumida pelo pesquisador. Acrescente-se que isso ocorre devido à sua complexidade. Por esse motivo, apresentaremos a noção de gênero como “modelos comunicativos” (Marcuschi, 2008, p. 188) que servirão como base para entender todos os caminhos percorridos na nossa pesquisa. A partir dessa afirmação, destacamos o caráter comunicativo dos gêneros, ou seja, eles servem para comunicar e, nesse processo, dar forma à comunicação, à linguagem. Corroborando com isso, Bezerra (2022, p. 45) reitera que “o gênero é uma noção que diz respeito ao funcionamento da linguagem no plano sociocognitivo e discursivo, captável na materialidade textual”. Assim, entendemos que toda comunicação é mediada pelos gêneros, de forma que Marcuschi (2008) aponta a impossibilidade de uma comunicação se não for por meio deles.

Segundo Marcuschi (2008),

Cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma

esfera de circulação. Aliás, esse será um aspecto bastante interessante, pois todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma (Marcuschi, 2008, p. 150).

Com base nessa afirmação, entendemos que forma, função, estilo e conteúdo compõem o gênero e são aspectos que proporcionam a sua identificação, sendo a função a característica primordial nesse processo. E, embora utilizemos os seus aspectos formais para o seu estudo detalhado, entendemos, a partir de Bezerra (2022, p. 44), que “eles são bem mais que isso [...] os gêneros são fundamentalmente recursos socialmente desenvolvidos para orientar as ações e as atividades humanas no mundo”. Assim, consideramos, sobretudo, como realça Marcuschi (2001), o aspecto sociocognitivo do qual ele participa.

Essa noção de composição do gênero encontra respaldo nos estudos de Bakhtin (2003), que compreende os gêneros como eventos comunicativos, como enunciados produzidos por pessoas em várias esferas de atividades humanas. Todavia, esses gêneros textuais são relativamente estáveis e reconhecidos por suas características. A respeito disso, Bakhtin (2003) afirma que

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas, também, e sobretudo, por sua construção composicional (Bakhtin, 2003, p. 279).

Nesse trecho de Bakhtin (2003), encontramos o autor mencionando as três características que compõem o gênero, conforme já havíamos citado com base em Marcuschi (2008): conteúdo temático, estilo e cons-

trução composicional. Com isso, a partir de Bakhtin (2003), entendemos que o gênero incorpora finalidades das esferas de atuações humanas, fazendo uso de um estilo linguístico (discursivo) que atenda aos objetivos pelos quais ele está sendo produzido, e assumindo, também, um formato que dê condições ao público de seu reconhecimento e de sua compreensão, fazendo fluir a comunicação. A respeito desses aspectos composicionais do gênero, faremos, a seguir, algumas colocações de maneira específica sobre cada um, para auxiliar na compreensão desse fenômeno linguístico que é o gênero textual.

Quanto aos seus aspectos formais, às vezes, conhecemos o gênero por sua forma, como, por exemplo, as HQs, que são logo reconhecidas por seu formato em quadrinhos, seja em qualquer língua. Assim, em algumas situações discursivas, é possível identificar o gênero pela forma, mesmo não entendendo o conteúdo, a depender do compartilhamento comum dos sistemas linguísticos e/ou semióticos.

Em outros momentos, reconhecemos o gênero pelo seu conteúdo, a título de exemplo, o “Alô?”, que é tão comum aos telefonemas. Quanto ao estilo, ele pode nos ajudar a reconhecer os gêneros, como os verbos no modo imperativo das campanhas publicitárias: “Denuncie já!”.

Marcuschi (2008) ainda destaca o papel da função em detrimento da forma na questão da definição dos gêneros, pois existem gêneros que assumem a forma de outro, mas mantêm a sua função. A esse fenômeno Marcuschi (2008) denomina de intergeneratividade. Esse conceito se refere apenas a mudança de forma, mas a função prevalece na determinação do gênero textual. É possível, por exemplo, escrever uma bula em forma de poema, desde que a função de informar

sobre o medicamento prevaleça. Assim, poderá ocorrer com diversas outras formas que assumem funções distintas. Esse conceito de intergenericidade não deve ser confundido com o conceito de heterogeneidade tipológica, pois o primeiro trata de gêneros textuais que assumem a forma de outro, mas mantém a função, e o segundo trata do gênero que possui mais de uma tipologia textual. Sobre isso Marcuschi (2008) afirma:

A intergenericidade de funções e formas de gêneros diversos num dado gênero deve ser distinguida da questão da heterogeneidade tipológica do gênero [...] isso não deve trazer dificuldade alguma para a interpretabilidade, já que impera o predomínio da função sobre a forma na determinação interpretativa do gênero, o que evidencia a plasticidade e dinamicidade dos gêneros (Marcuschi, 2008, p. 166).

Assim, Marcuschi (2008) nos possibilita a ampliação das discussões sobre a identificação dos gêneros para a sua plasticidade e dinamicidade, pois eles são fatos sociais e frutos de momentos históricos, o que abre espaço para modificações e surgimento de novos gêneros. Esse processo de renovação é guiado por exigências sociais que apontam para a necessidade de implementações nos gêneros textuais, como, por exemplo, as discussões a respeito da identidade de gênero na contemporaneidade, que têm modificado muitos formulários, como o do ENEM, incluindo a opção “nome social” em sua composição.

Nessa direção, os gêneros textuais se renovam e/ou se reconfiguram a partir de necessidades comunicativas da sociedade. Por esse prisma, podemos entender que a crescente comunicação pelas vias digitais demanda o surgimento de novos gêneros, como é o caso do *podcast*. Esse gênero é relativamente “novo”, considerando os mais

“antigos”, como a carta, a receita, a lista telefônica etc. Sobre o surgimento de novos gêneros, Marcuschi (2002) já alertava para o fato de que as inovações tecnológicas possibilitariam a ampliação desse fenômeno, quando afirmou que os gêneros

Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. [...] Hoje, em plena fase da denominada *cultura eletrônica*, com o telefone, o gravador, o rádio, a TV e, particularmente o computador pessoal e sua aplicação mais notável, a internet, presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita (Marcuschi, 2002, p. 19).

Portanto, como resultado dessa “explosão de novos gêneros”, surgiu o *podcast*. Encontramos menções, nessa referência de Marcuschi (2002), a aspectos que originaram o *podcast*. Embora o autor não tenha o mencionado diretamente, acreditamos que a afirmação de Marcuschi se amplia ao campo geral dos gêneros textuais digitais. Assim, o gravador, o computador e a internet, citados por ele, são elementos que propiciaram o surgimento do *podcast*, tendo em vista que, sem esses elementos, não seria possível ter a estrutura desse gênero como ele é.

A propósito, faz-se necessário afirmar que chegamos à caracterização do *podcast* como um gênero textual, baseados na forma indicada por Marcuschi (2008) para identificação de gêneros: “todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo” (Marcuschi, 2008, p. 150). Conseguimos, assim, enxergar no *podcast* todas essas características que compõem um gênero: forma, função, estilo e conteúdo.

Além disso, encontramos referências ao *podcast* como um gênero em documentos oficiais da Educação. A título de exemplo, o Currículo do Ensino Médio do Estado de Pernambuco, ao descrever o objeto do conhecimento a ser abordado na habilidade EM13LGG702, faz referência à avaliação do impacto das TIC's na formação do sujeito e nas suas práticas sociais, e menciona: "Contexto de produção, circulação e recepção de gêneros da cultura digital: *podcast*, *vlog*, *blog*, *e-zines*, *fanzines* etc." (Pernambuco, 2020, p.140).

Nesse caso, no Currículo são incluídos os gêneros considerados pertencentes à cultura digital. Entre esses gêneros, inclusive em primeiro lugar na lista, está o gênero *podcast*. Em outro momento, ao fazer menções a gêneros do domínio jornalístico, na habilidade EM13LP45, inclui-se no Currículo de Pernambuco o *podcast* como um gênero: "Relação entre os gêneros em circulação no campo jornalístico-midiático (notícias, foto-denúncias, fotorreportagens, reportagens multimidiáticas, documentários, *podcast* noticioso etc.), mídias e práticas da cultura digital" (Pernambuco, 2020, p.147).

Ainda a respeito do *podcast* como um gênero textual no Currículo de Pernambuco do Ensino Médio, ao abordar a habilidade EM13LGG304, que diz respeito a propor, intervir e tomar decisões a favor do respeito a todos/as e aos Direitos Humanos, indica-se o trabalho com os "Gêneros digitais (e-mail, *podcast*, posts em redes sociais, mensagens virtuais, entre outros);" (Pernambuco, 2020, p. 177). Essa parte do Currículo enquadra o *podcast* como um gênero digital, adjetivo ligado ao meio pelo qual ele é produzido e no qual circula.

Além de tomar como referência o Currículo de Pernambuco, construímos uma leitura e um entendimento do gênero *podcast*,

a partir dos aspectos (forma, função, estilo e conteúdo) indicados por Marcuschi (2002), a fim de analisarmos de forma específica cada elemento que compõe o gênero *podcast* e que nos faz identificá-lo como tal.

Sobre o aspecto da forma, buscamos base no trabalho desenvolvido por Moreira, Fiorentini e Teixeira (2021, p. 249), que observaram que, no momento da produção do *podcast*, a partir de uma sequência didática aplicada, os alunos fizeram "escolhas sonoras, visuais (capa) e fraseológicas [...] que participam efetivamente da produção de sentidos no momento da recepção do gênero". Logo, é perceptível, a partir desse exemplo, uma tipificação do *podcast*, ou seja, uma estrutura/forma que o compõe como gênero textual: as escolhas sonoras, que geralmente são os fundos musicais para tornar a escuta agradável; a capa, que é utilizada para informar a respeito do assunto do *podcast*, das pessoas e instituições envolvidas em sua produção; as frases típicas, que são usadas no início para a recepção dos/as ouvintes, bem como apresentação do assunto, e o final, para a despedida e agradecimentos. Assim, a forma foi um dos elementos que nos fez reconhecer o *podcast* como um gênero.

Quanto à função, uma pesquisa realizada por Villarta-Neder e Ferreira (2022) apresenta a informação de que o *podcast* pode cumprir com várias funções, a depender de seu conteúdo. No entanto, os autores relatam que, ao observarem os alunos, eles utilizam o *podcast* geralmente para funções educativas, como compreender conceitos, revisar conteúdos e estudar para avaliações. Dessa forma, também constatamos que o *podcast* cumpre funções, característica frisada por Marcuschi (2008) como uma das identificadoras de gêneros, o que fortalece a nossa afirmação.

Em referência ao estilo, a pesquisa realizada por Carvalho (2008) apresenta tipos e durações de *podcasts* mais aceitos por alunos da Universidade do Minho, Portugal. Nos relatos colhidos pela pesquisadora, discentes afirmaram que aprovaram o *podcast* como instrumento de ensino, porque gostaram da forma como a professora falava neles: “tinha uma voz muito doce, surpreendeu-me bastante. Ao ouvir um locutor profissional, teria a sensação de atendimento telefónico [...] perderia o interesse” (Carvalho, 2008, p. 130). Com essa descrição, percebemos mais um aspecto dos gêneros atrelado ao *podcast*: o estilo. O aluno em questão relatou que gostou da forma como a professora utilizou a voz no *podcast*, distinguindo-se do estilo usado pela docente na aula e do estilo usado por locutores profissionais em telefonemas. Portanto, observamos que o estilo foi essencial para que o aluno notasse aspectos que diferenciam os gêneros aula, telefonema e *podcast*.

Ainda na pesquisa de Carvalho (2008), é possível encontrar aspectos do conteúdo do *podcast*, que é, também, um dos atributos para a definição de gêneros apontados por Marcuschi (2008). Durante a investigação, os discentes indicaram quais conteúdos gostariam que fossem abordados nos *podcasts*: “resumo de aulas, o *feedback*, comentários sobre eventos relacionados com os conteúdos programáticos, orientações de estudo [...] descrição de gráficos, esquemas etc.” (Carvalho, 2008, p. 131). A partir disso, é possível perceber que o *podcast* é composto, também, por conteúdos, fechando o ciclo de características definidoras de gêneros textuais: forma, função, estilo e conteúdo.

Além disso, como vimos, o gênero *podcast* é dinâmico/flexível, podendo apresentar formas variadas, funções, estilos e conteúdos (Bueno; Magalhães; Storto;

Costa-Maciel, 2024). E, consoante a ideia da plasticidade dos gêneros, certamente a BNCC do Ensino Médio faz menção a ele, utilizando-se de diferentes adjetivos, ligados ao seu conteúdo, sua função e esfera de circulação. Assim, o *podcast* é apresentado na BNCC (Brasil, 2018) das seguintes formas: “*podcasts* literários” (p. 71); “*podcasts* noticiosos” (p. 88); “*podcasts* culturais” (p. 88) e “*podcasts* artísticos” (p. 92). Assim, podemos entendê-lo, legitimamente, como um gênero oral que manifesta variadas estruturas modeladas. O defendemos como um gênero oral, porque, segundo Costa-Maciel (2025), aportada em Travaglia (2017), ele foi pensado para ser realizado na modalidade oral, tendo a voz como suporte.

Interessa saber que a orientação teórica que balizou este artigo guiou a construção metodológica apresentada a seguir:

CAMINHOS DE CONSTRUÇÃO DO TRABALHO COM O PODCAST EM SALA DE AULA: METODOLOGIA

É necessário afirmar que este texto assume uma abordagem qualitativa e de natureza analítica. Sobre esse tipo de abordagem, Erickson (1986, *apud* Moreira, 2011, p. 47) destaca que o seu objetivo principal é a “questão dos significados que as pessoas atribuem a eventos e objetos, em suas ações e interações dentro de um contexto social e na elucidação e exposição desses significados pelo pesquisador”. Adicionalmente, para Gibbs (2009), a pesquisa qualitativa é assim classificada não apenas por não ser quantitativa, mas por possuir características próprias, como a abordagem do mundo fora dos laboratórios, nas vivências e experiências sociais e profissionais. Destaque-se, ainda, que a reflexão, a análise e a descrição de uma experiência com *podcast* em sala de

aula são os focos da nossa investigação.

Com relação aos perfis dos participantes da pesquisa, destacamos que são pessoas jovens, do terceiro ano de uma Escola Pública da Mata Norte Pernambucana, residentes na cidade e também nos seus distritos, todas de origem periféricas. Dos 37 alunos/as matriculados/as na disciplina eletiva (que descreveremos abaixo), 8 são do sexo masculino e 29 são do sexo feminino, o que caracteriza a turma como predominantemente feminina. É importante frisar, também, que a maioria deles é constituída por pessoas negras e de origem periférica. A escolha desses estudantes se deu pelo fato deles terem optado, por meio de seleção aberta pela escola, pela disciplina eletiva ofertada.

Para gerar os dados utilizados neste texto, aplicamos, na escola campo, um curso de extensão, aprovado pelo edital PROEC 02/23 - Fluxo Contínuo da Universidade de Pernambuco, em formato de Disciplina Eletiva na Escola Campo, intitulada: “Pod Falar de Racismo Cibernético no e para Além do Espaço Escolar: o Protagonismo Juvenil em *Podcasts*”. A organização dessa disciplina eletiva foi dividida em três etapas elementares: a) conhecimento do gênero; b) conhecimento do conteúdo temático e c) construção do *podcast*. No entanto, nesse artigo, o nosso foco será na primeira etapa que consiste no conhecimento do gênero *podcast*.

Nessa etapa, o momento foi conduzido sob o modelo de aula expositiva dialogada, pois, segundo Lopes (2012), o ponto de partida desse tipo de aula deve ser o conhecimento prévio dos/as estudantes, para que, a partir disso, sejam construídos e materializados conceitos. Esses/as participantes foram identificados/as pela sigla AL (fazendo referência à alunos/as), seguida por numeração, como, por exemplo, AL1, AL2, AL5. Essa estratégia visou preservar a imagem

de todos/as que participaram das atividades desenvolvidas por nós em sala de aula.

Para coletarmos os dados, realizamos a técnica da observação participante sistemática, pois, segundo Zanella (2013, p. 122), a partir dela, o/a pesquisador/a consegue “compreender com mais clareza e profundidade a realidade que observa”. Isto porque se coloca como um sujeito do processo. Nesse caso, o processo de ensino e aprendizagem. Zanella (2013, p. 121) ainda acrescenta que, na observação sistemática, “o observador sabe o que procura, planeja essa busca e sistematiza as informações”. Assim, durante as aulas sobre as dimensões ensináveis do *podcast*, o nosso olhar estava voltado para as concepções que os estudantes possuíam a respeito do gênero.

A fim de registrar essas observações e realizar a descrição, utilizamos a técnica de áudio-gravação, que, conforme Gibbs (2009), permite um registro completo da situação observada. No nosso caso, enfocamos nas aulas e no retorno à audição dos momentos, que podem lembrar algum detalhe, ou permitir a captação de outros que, por algum motivo, passaram despercebidos.

A análise dos dados foi realizada, considerando a descrição dos estudantes, dividida em duas categorias: gênero entrevista e gênero *podcast*, uma vez que optamos por questionar o reconhecimento deles sobre esses gêneros e observar de que forma apontavam aspectos que os diferenciavam, o que poderia servir de elemento para a conceituação do *podcast* como um gênero. Essa categorização foi realizada pela comum indagação a respeito do *podcast* ser um suporte de gênero, considerando características de gêneros, como a entrevista, que, muitas vezes, se hibridizam em sua forma. No entanto, pensamos que, a partir da diferenciação realizada pelos/as estudantes, seríamos

capazes de levantar dados suficientes para a compreensão de que, apesar das mesclas com outros gêneros, o *podcast* apresenta características próprias, para além da entrevista. Para o desenvolvimento dessa etapa, foram apresentadas duas entrevistas em vídeo e dois *podcasts* em vídeo para a turma, conforme a ordem: entrevista com Alexandra Loras – “Marcha das mulheres negras” (TV Brasil); Podcast com Fred Nicácio – “A solidão do homem negro” – (BlackPeople); Entrevista com Djamila Ribeiro – (Roda Viva); Podcast com Taís Araújo – “Fala sobre o racismo” (Quem Pod Pod). Os hiperlinks que dão acesso a essas mídias estão disponíveis na próxima seção.

PODCAST COMO GÊNERO: RESULTADOS E DISCUSSÃO A PARTIR DA COMPREENSÃO DOS/ AS ESTUDANTES

Conforme indicamos em nossa introdução, buscamos refletir, a partir do olhar proposto por Marcuschi, sobre o *podcast* como gênero textual oral no contexto de uma turma de Ensino Médio de uma escola pública pernambucana, com vistas a conhecer os propósitos comunicativos, as características prototípicas do *podcast*, além de compreender como estudantes da Educação Básica reconhecem o *podcast* na sociedade em que estão inseridos.

Com essa mirada, vivenciamos as atividades de extensão em sala de aula, iniciando o trabalho com o resgate dos conhecimentos prévios dos/as estudantes a respeito do gênero textual oral *podcast*. Nesse sentido, buscamos conhecer se os/as estudantes tinham ouvido falar em *podcast*. Dos 37 estudantes, 26 sinalizaram que sim, já tinham ouvido falar sobre o referido gênero. Certa-

mente, esse foi um dado que apontou para uma popularidade desse gênero. No entanto, não era suficiente para afirmar que os/as discentes conheciam o *podcast* em sua totalidade: forma, função e estilo (Marcuschi, 2008). Por esse motivo, seguimos afunilando as questões e a experiência da turma com o *podcast*.

Ao prosseguirmos com as atividades, perguntamos aos/às estudantes se eles/as costumam ouvir e/ou assistir a *podcasts*. Realizamos essa indagação, porque, com esses dados, seria possível saber o quanto o *podcast* fazia parte do cotidiano deles, pois pensamos que, quanto mais contato com o gênero a turma tivesse, mais conhecimento a respeito de suas especificidades teriam. Dessa vez, dos 37 alunos/as, apenas 4 afirmaram costumar ouvir *podcasts*, representando uma minoria da turma. Embora outros/as estudantes já tivessem escutado e/ou assistido algum *podcast*, a presença desse gênero no cotidiano deles ainda era limitada. Por consequência, conversamos com eles/as sobre o quanto o *podcast* é acessível, podendo ser escutado em variados lugares, por meio dos aplicativos e para variadas finalidades.

Frente às informações iniciais coletadas em sala de aula, partimos para uma atividade prática de reconhecimento do *podcast*, a partir de uma diferenciação entre o *podcast* e a entrevista em vídeo. Esse processo comparativo se deu inicialmente, pois desejávamos trazer um gênero também da esfera jornalística, mas que tivesse maior inserção na vida dos/as estudantes, e compará-lo com um gênero que, embora eles/as, em sua maioria, conhecessem, teriam pouco contato em seu cotidiano.

Nesse momento, apresentamos 2 trechos de entrevistas em vídeo selecionadas por nós e 2 trechos de *podcasts em vídeo*. Esses

trechos foram retirados do Instagram e versavam sobre a temática do racismo, temática com a qual estávamos trabalhando. Essas entrevistas e *podcasts* estão disponíveis em versão completa no *YouTube*, conforme os links: Entrevista com Alexandra Loras; Podcast com Fred Nicácio; Entrevista com Djamila Ribeiro; Podcast com Taís Araújo.

Conforme a turma assistia a cada vídeo, realizamos perguntas como: “Que gênero vocês acabaram de assistir?”; “Vocês percebem diferença entre eles?”; “Qual característica fez vocês identificarem que determinado vídeo se tratava de uma entrevista e qual se tratava de um *podcast*?”.

Essa foi uma dinâmica fundamental para percebermos o quanto a turma era capaz de identificar o *podcast* como um gênero espe-

cífico, não o confundindo com a entrevista. É válido lembrar que comumente se percebem características das entrevistas em *podcasts*, o que faz dele um gênero híbrido, mas não se trata da entrevista em sua integralidade. Lembremo-nos, pois, que o *podcast* apresenta características próprias, para além dos gêneros que se relacionam com ele. No geral, todos/as tiveram facilidade na identificação, o que nos chamou a atenção, principalmente na maneira como encontraram diferenças notáveis entre os dois gêneros, demonstrando conhecimentos sobre suas formas, funções e estilos.

Vejam, a seguir, um quadro com falas dos/as alunos/as transcritas que demonstram seus conhecimentos a respeito dos gêneros em questão.

Quadro 1 – Características do *podcast* e da entrevista

	PODCAST	ENTREVISTA
Conhecimento da forma:	<p>AL1: “Nos <i>podcasts</i> geralmente usam um microfone externo (condensado) e fones de ouvido grandes” <i>Grifos nossos</i>.</p> <p>AL2: “No <i>podcast</i> tem apenas um, no máximo dois mediadores”.</p> <p>AL3: “O cenário do <i>podcast</i> é diferente. É comum ser usada uma mesa redonda e as pessoas ficam bem próximas umas das outras”.</p> <p>AL4: “Nos <i>podcasts</i> atuais agora, eles estão levando até comida. É conversando e comendo com os convidados.”</p>	<p>AL1: “Na entrevista, utilizam microfone interno (lapela)”</p> <p>AL2: “Em algumas entrevistas, têm uma bancada de entrevistadores, como na que acabamos de ver”.</p> <p>AL3: “Na entrevista, eles usam uma espécie de birô grande e o entrevistado fica distante do entrevistador, não tão próximo como no <i>podcast</i>”.</p>
Conhecimento do estilo	<p>AL5: “Dependendo do objetivo do <i>podcast</i> e da pessoa convidada, a linguagem pode mudar de informal para formal”.</p> <p>AL6: “No <i>podcast</i>, a linguagem é mais do cotidiano, podendo ter a presença de vários palavrões, em alguns casos”.</p>	<p>AL6: “Na entrevista a linguagem é mais formal do que no <i>podcast</i>”.</p>

Fonte: Os autores.

Nesse quadro comparativo, *podcast* x entrevista, é possível notar que os/as estudantes conseguem reconhecer e distinguir cada gênero, não havendo, portanto, uma evidente confusão entre os conceitos. Todavia, eles ainda não conseguem explicitar muito bem questões basilares para uma adequada caracterização do gênero.

Para nós, era de fundamental importância abordar essa distinção, tendo em vista que o *podcast*, por vezes, é confundido com a entrevista. É necessário afirmar que, a partir do conceito de intergenericidade discutido por Marcuschi (2008), entendemos que há no *podcast* estruturas que pertencem ao gênero entrevista, como uma espécie de transmutação de gêneros, conforme Bakhtin (2003). No entanto, essa relação entre esses gêneros não desconceitua o *podcast* como gênero, uma vez que ele possui características distintivas, além de nem sempre incorporar a entrevista no seu formato.

Assim, a noção do *podcast* como um gênero se mantém, e acreditamos ser relevante reconhecê-lo como tal, a partir de suas especificidades, para que, quando se solicite, por exemplo, a produção de um *podcast*, entenda-se o que, de fato, deve ser produzido em termos de estrutura, função e estilo, que se difere de outros gêneros.

No que diz respeito à forma dos gêneros, os/as alunos/as realizaram observações relevantes. Para eles/as, o *podcast* em vídeo possui uma forma/design que o diferencia da entrevista. Nesse quesito, eles/as focaram em questões como o microfone e o fone de ouvido, pois é bem comum utilizarem no *podcast* o microfone condensado, às vezes, até mais que um. Na entrevista, usam o microfone lapela, sem fones.

Os/as discentes ainda destacaram que, no *podcast*, é comum o uso de uma mesa pequena e redonda que permite a aproximação

entre o mediador e o convidado, ao passo em que, na entrevista, utiliza-se um birô grande, e os participantes ficam distantes dos/das entrevistadores/as. Além disso, a turma chamou a atenção para o fato de que, nos *podcasts*, geralmente, só há a presença de um ou dois mediadores, enquanto que, na entrevista, por vezes, há vários/as entrevistadores/as. Ainda sobre esse ponto, os/as alunos/as apresentam uma informação de que, nos *podcasts* mais recentes, estão adotando a ideia de levar comida para a mesa da gravação.

A partir disso, entendemos que todos esses exemplos que foram apresentados pela turma têm a ver com o conceito de dinamicidade dos gêneros discutido por Marcuschi (2008). Para o autor, há gêneros mais dinâmicos em sua composição/funcionamento do que outros. Esse foi o ponto principal que fez a turma diferenciar o *podcast* da entrevista, pois o formato da mesa, o fone, a quantidade de mediadores e a comida são elementos que apontam para uma espontaneidade do momento, uma despreocupação com as formalidades, que são tão comuns às entrevistas. Dessa forma, a partir desses dados, podemos afirmar que o *podcast* é um gênero dinâmico e que os/as alunos/as identificaram essa questão, não o confundindo com a entrevista, que é um gênero com uma estrutura mais rígida e formal, como também nos apontam os dados coletados. Todavia, os dados explicitados acima revelam que os estudantes não fornecem respostas suficientes para evidenciar que conheciam a organização composicional do gênero, tal como descrita na literatura sobre o gênero.

Com relação à função do *podcast*, nesse momento da aula, tivemos apenas uma afirmação de um/a dos/as alunos/as, mas foi o suficiente para demonstrar, ainda que implicitamente, que ele é visto como um gênero

multifuncional, como demonstra a pesquisa de Villarta-Neder e Ferreira (2022). Na ocasião, o/a AL5 afirma: “dependendo do objetivo do *podcast*...”. Essa afirmação indica que a pessoa em questão reconhece que o *podcast* pode ter vários objetivos/funções, aspecto que também o diferencia da entrevista, pois ela se apresenta mais estável, com estrutura e funções mais convencionadas. Nesse momento, aproveitamos para discutir a respeito das funções que o *podcast* pode assumir, conforme relatadas por Villarta-Neder e Ferreira (2022): aprender conceitos, conhecer obras literárias, revisar para avaliações; conhecer detalhes da vida de uma pessoa; escutar histórias ficcionais; ouvir notícias; acessar comentários de entretenimentos etc. Com isso, foi possível reconhecer o gênero *podcast* como intensamente mais multifuncional.

No que concerne ao estilo do gênero textual, os registros coletados indicam que, no *podcast*, prevalece a linguagem informal e na entrevista predomina a linguagem formal. O/a AL6 chama a atenção para o fato

de que, em alguns *podcasts*, os palavras são pronunciados com frequência, quase que sem restrições. Ao passo que, na entrevista, ainda que aconteça, será por uma raridade. Mais uma vez, esses dados fortalecem a ideia da espontaneidade e dinamicidade do *podcast*, característica mais forte de sua identificação/especificação, permeando a sua forma, sua função e seu estilo.

Em continuidade, seguimos com a análise comparativa de gêneros, dessa vez para discutir as diferenças entre o *podcast* em vídeo e o *podcast* em áudio. Ainda que esse gênero tenha surgido em áudio, é perceptível a popularidade de sua produção em vídeo, que, certamente, apresenta suas especificidades. Nesse momento, o nosso objetivo era conhecer as duas modalidades e problematizá-las. Para a discussão, fizemos a escuta de um *podcast* em áudio, para comparar as características dele com as do *podcasts* que já havíamos assistido. Para as análises, criamos a tabela, a seguir, com recortes das falas dos/as estudantes a respeito da temática. Vejamos:

Quadro 2 – Diferenças entre o *podcast* em vídeo e o *podcast* em áudio

	PODCAST EM VÍDEO	PODCAST EM ÁUDIO
Conhecimento do gênero:	AL1: “No <i>podcast</i> em vídeo, o contato é maior entre os participantes, como se o público estivesse em terceiro lugar”. AL2: “No vídeo a gente consegue ver os gestos, o sorriso, a gente consegue perceber pela imagem as reações das pessoas”. AL3: “No <i>podcast</i> em vídeo não tem o som do fundo musical, é apenas a fala dos participantes”. AL4: “Parece que no <i>podcast</i> em vídeo é quase uma regra ter convidados”.	AL1: “No <i>podcast</i> em áudio, o autor do <i>podcast</i> se dirige mais diretamente ao público”. AL2: “No áudio, a gente só consegue perceber as reações se quem estiver gravando mudar o tom da fala, ou fazer os sons do sorriso, por exemplo”. AL3: “No áudio, tem o fundo musical que faz a gente querer ouvir mais”. AL4: “E no áudio a gente encontra <i>podcasts</i> com uma pessoa só falando, como nesse literário”.

Fonte: Os autores.

Mais uma vez, a participação da turma foi intensa, gerando dados importantes para o entendimento do gênero *podcast* e suas modalidades: áudio e vídeo, bem como sua forma, função e estilo. Nessa perspectiva, o/a AL1 comenta que, na sua percepção, no *podcast* em vídeo, o foco de quem está falando é sempre nos participantes do *podcast*, no diálogo entre eles e, mesmo entendendo que há um público-alvo, quase nunca se dirigem diretamente a ele. Isso é o oposto do *podcast* em áudio, no qual há constantemente falas direcionadas ao público como: “Sejam bem-vindos a esse *podcast*!”; “Você já ouviu falar em...”; “Não importa onde você está, esse *podcast* vai até você!”. Interligada a essa questão está a fala do/a AL4 que observou que, no *podcast* em vídeo, há, na maioria das vezes, mais que duas pessoas dialogando, enquanto que, no áudio, prevalece a participação individual e, quando há participações, não acontecem com interrupções de falas, talvez pelos áudios serem gravados em momentos diferentes e de forma isolada e editada.

Essa observação é pertinente não para determinar que o modo em vídeo deve ser, como regra, sempre dessa forma ou que, no modo em áudio, deve ser, impreterivelmente, daquela maneira. Isso ocorre mais para percebermos o que prevalece nessa e naquela modalidade de *podcast*, aspecto que não os torna gêneros diferentes, mas nos oferece o conhecimento de suas especificidades conectadas às reações e comportamentos linguísticos diante das câmeras no ao vivo, como no *podcast* em vídeo, e diante de um gravador de áudio passível de um melhor preparação e edição, como na modalidade em áudio.

Ainda nesse contexto, os/as AL2 e AL3 fazem referência a aspectos multimodais (Marcuschi, 2001) do *podcast*, tanto em ví-

deo quanto em áudio. Nos comentários, os/as estudantes destacam a linguagem corporal/gestual presente na modalidade em vídeo, o que nos permite ver e entender as reações dos/das falantes a variados temas por meio da expressão, enquanto no *podcast* em áudio não há essa possibilidade, a não ser pela mudança de tom da voz ou a emissão de sons que permitam ao ouvinte perceber tais reações. Os/as estudantes também chamam a atenção para o fato de, no *podcast* em vídeo, não haver, geralmente, um fundo musical, como há no *podcast* em áudio. Isso porque o vídeo já oferece tantos elementos expressivos que não existe a necessidade de adicionar o fundo musical, que faz total diferença no *podcast* em áudio, para tornar a escuta mais completa e agradável.

Nesse movimento, os/as estudantes atentaram para as questões das multissensíveis que compõem o *podcast* em vídeo, bem como o *podcast* em áudio. Como nos diz Bueno, Diolina e Jacob (2021, p. 129), no trabalho com a oralidade, “há um falar, mas um olhar, um gesticular, uma imagem, um texto escrito que contribuem muitas vezes para a construção do sentido do texto oral”. Além disso, podemos adicionar que há uma imagem, uma música (operando ou não como fundo musical), a questão da proxemia etc., que interferem no processo de construção de diferentes gêneros. No *podcast*, por exemplo, um conjunto de elementos dessas ordens compõe o protótipo e o distingue dos demais. Por isso, o caracterizamos como gênero textual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo refletir, a partir do olhar proposto por Marcuschi, sobre o *podcast* como gênero textual oral no contexto de uma turma de Ensino Médio

de uma escola pública pernambucana. De modo mais específico, objetivamos conhecer os propósitos comunicativos, as características prototípicas do *podcast*, bem como compreender como estudantes da Educação Básica reconhecem o *podcast* na sociedade em que estão inseridos.

Nessa direção, nos propomos, também, a responder aos seguintes questionamentos: o *podcast* pode ser entendido como gênero textual? Qual é a compreensão de estudantes do Ensino Médio sobre o *podcast*?

Com as lentes teóricas utilizadas na tese de doutorado do presente trabalho, conseguimos constatar que os gêneros servem para comunicar e dar forma à comunicação. Desse modo, pelo viés dos estudos da linguagem, a sua análise e produção perpassa a compreensão de seu funcionamento, bem como de sua materialidade textual.

Portanto, é imperativo destacar que o *podcast* pode ser sim considerado um gênero textual e não apenas um recurso tecnológico, tendo em vista que cumpre uma função social bem específica dentro de um contexto de comunicação definido. E, no que se refere à relevância de sua mediação e produção no contexto da Educação Básica, podemos afirmar que, cada vez mais, a escola se aproxima das reais demandas de uso da língua dos seus/suas estudantes, tornando a aprendizagem significativa, a partir do trabalho reflexivo com o gênero e os seus usos para as demandas escolares e não escolares. Todavia, ainda se faz necessário que os estudantes conheçam melhor os propósitos comunicativos pretendidos com o gênero, bem como as suas características prototípicas.

Quanto à compreensão dos estudantes acerca do *podcast*, foi possível identificar que: quanto à função, é possível visualizar pelas respostas deles que não conseguiram

explicitar que os exemplares desse gênero podem cumprir com várias funções, a depender de seu conteúdo. Todavia, a que mais se destaca é a função educativa, seja para compreender conceitos, revisar conteúdos e/ou estudar para avaliações.

Quanto à sua forma, o *podcast* apresenta escolhas sonoras, capa, frases típicas e o final, para a despedida e agradecimentos. Todavia, na fala dos estudantes, ficou evidente que ainda desconhecem questões basilares para uma adequada caracterização do gênero. Tivemos apenas alguns elementos presentes nas respostas dos estudantes que contribuíram para a compreensão de que o *podcast* é um gênero e que, em referência ao estilo, ele pode ter duração mais longa ou mais curta, e tom de voz que gere engajamento.

Desejamos que o acesso a discussão proposta neste artigo oportunize aos/às professores/as e pesquisadores/as compreender que seus/as alunos/as podem, a partir da reflexão sobre os gêneros orais, olhar para o gênero textual *podcast*, entender como ele se manifesta socialmente, e saber diferenciá-lo, não apenas quanto ao aspecto estrutural, mas quanto ao seu alcance e ao seu potencial de uso nas esferas escolares e extraescolares.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf> Acesso em: 26 jul. 2025.
- BILRO, F. K. S.; BARBOSA, M. L. F. F.; COSTA-MACIEL, D. A. G. Gêneros orais, livro didático e educação de pessoas jovens, adultas e idosas: mapeando cenários de didatização. **Revista da ABRALIN**, v.

20, n. 3, p. 1477-1499, 2022.

BUENO, L.; DIOLINA, K.; JACOB, A. E. Gênero tutorial: um modo de (re)agir frente às tecnologias digitais. *In*: BUENO, L.; COSTA-MACIEL, D. A. G.; MAGALHÃES, T. G. (org.). **Oralidade e gêneros orais**: experiências na formação docente. Campinas: Pontes Editores, 2021.

BUENO, L.; MAGALHÃES, T.; STORTO, L.; COSTA-MACIEL, D. Análises de gêneros orais: tecendo articulações a partir de Marcuschi, Dolz e Schneuwly. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 24, p. 1-18, 2024.

COSTA-MACIEL, D. A. G. **Inventário de gêneros orais** [livro eletrônico]. Nazaré da Mata, PE: Ed. da autora, 2025a.

GOMES, J. (org.). **O texto na sala de aula**: contribuições no/do ProLetras. São Carlos: Pedro e João Editores, 2025.

LÊDO, A. C. O.; BEZERRA, B. G. (org.). **Gêneros textuais/discursivos e consciência crítica**: a tríplice pedagogia de Amy Devitt. São Carlos: Pedro e João Editores, 2025.

MAGALHÃES, T. G.; BUENO, L. STORTO, L. J.; COSTA-MACIEL, D. A. G. Um decálogo para a inserção da oralidade na formação docente. **Revista Veredas**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 1-9, 2022.

MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo, Parábola: 2008.

MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. *In*: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. nove teses para uma reflexão sobre a valorização da fala no ensino de língua (a propósito dos “Parâmetros Curriculares no Ensino de Língua Portuguesa de 1ª a 4ª série do 1º Grau Menor”). **Revista da ANPOLL**, [S. l.], v. 1, n. 4, 1998.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e escrita. **Signótica**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 119-145, 1997. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/sig.v9i1.7396>> Acesso em: 29 jul. 2025.

SILVA JUNIOR, L. D.; BILRO, F. K. S. Como trabalhar com gêneros na escola? A contribuição das sequências didáticas para o ensino de Língua Portuguesa. *In*: **ANAIS DO 8º EpePE**. Recife: Editora Realize, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/epepe/2021/TRABALHO_EV167_MD1_SA104_ID1201_30092021001430.pdf> Acesso em: 26 jul. 2025.

SOUZA, S. T. **Dificuldades encontradas na produção de texto em sala de aula**. Especialização em Educação (Métodos e técnicas de ensino) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

SOUZA, E. J. A “carne mais barata do mercado é a carne negra?” **O podcast como instrumento de combate ao racismo**. 2024. 115p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade de Pernambuco (*Campus Mata Norte*), Nazaré da Mata, 2024.

STORTO, L. J; FONTEQUE, V. S. Trabalho com a oralidade na formação docente inicial: implementação de uma sequência de atividades sobre seminário. *In*: MAGALHÃES, T. G.; BUENO, L.; COSTA-MACIEL, D. A. G. (org.). **Oralidade e Gêneros Orais**: experiências na formação docente. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021, v. 1, p. 75-98.

Recebido em: 30/07/2025

Aprovado em: 15/12/2025



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.